

EMBAIXADA DA PALESTINA
NA SANTA SÉ

■ PÁG. 11

PE. GERAL REENCONTRA
JESUÍTAS DE ROMA

■ PÁG. 19

PE. JARAMILLO, NOVO
PRESIDENTE DA CPAL

■ PÁG. 21



INFORMATIVO DOS
JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO 31
ANO 4
JAN/FEV 2017

Emcompanhia

FORÇADOS A UM RECOMEÇO

No mundo com milhões de migrantes, a Companhia de Jesus se faz presente na caminhada junto às populações mais vulneráveis

ESPECIAL PÁG. 12





ACOMPANHAR, SERVIR E DEFENDER



Comovido diante da realidade das vítimas da Guerra do Vietnã, padre Pedro Arrupe convocou jesuítas voluntários de todo o mundo para auxiliar a população nas mais diversas necessidades. Assim, em 14 de novembro de 1980, nascia o Serviço Jesuíta aos Refugiados – JRS (sigla em inglês). Hoje, o JRS desenvolve ações de apoio a refugiados ou deslocados internos em mais de 50 países. Conheça mais esse trabalho: www.jrs.net.

SUMÁRIO**EDIÇÃO 31 | ANO 4 | JANEIRO/FEVEREIRO 2017**

6 EDITORIAL <ul style="list-style-type: none"> • Ajudar a ajudar Ir. Davidson Braga 	19 MUNDO + CÚRIA <ul style="list-style-type: none"> • Padre Geral reencontra os jesuítas de Roma • 90 anos da presença jesuítica em Hong Kong • Estados Unidos: nova província • Nomeação
7 CALENDÁRIO LITÚRGICO	20 AMÉRICA LATINA + CPAL <ul style="list-style-type: none"> • O Caribe em busca de uma difícil unidade • Pe. Roberto Jaramillo será o novo presidente da CPAL • Projeto de sistematização de experiências
8 ENTREVISTA + PEREGRINOS EM MISSÃO <ul style="list-style-type: none"> • Escuta e respeito às instâncias Pe. Claudio Paul 	22 SERVIÇO DA FÉ <ul style="list-style-type: none"> • Especialização pastoral numa “Igreja em Saída”
10 O MINISTÉRIO DE UNIDADE NA IGREJA + SANTA SÉ <ul style="list-style-type: none"> • Papa pede respostas ao grito da terra e dos pobres • Embaixada da Palestina junto à Santa Sé • Vaticano condena atentado em Quebec 	23 DIÁLOGO CULTURAL E RELIGIOSO <ul style="list-style-type: none"> • Obra completa de Pe. Antônio Vieira • Economia e bem comum: temas do livro de Pe. Élio
12 ESPECIAL <ul style="list-style-type: none"> • O desafio das fronteiras 	





24

JUVENTUDE E VOCAÇÕES

- Experiências MAGIS pelo Brasil
- Início das aulas da 9ª turma da Especialização em Juventude
- Noviços professam os primeiros votos



26

EDUCAÇÃO

- Colégio São Luís prepara-se para seus 150 anos
- Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica

27

JUBILEUS / AGENDA

EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Núcleo de Comunicação BRA – São Paulo.

COMUNICAÇÃO BRA

notícias@jesuitasbrasil.com
www.jesuitasbrasil.com

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO

Juliana Dias

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Handerson Silva

Érica Silva

ANÚNCIO

Handerson Silva

COLABORADORES DA 31ª EDIÇÃO

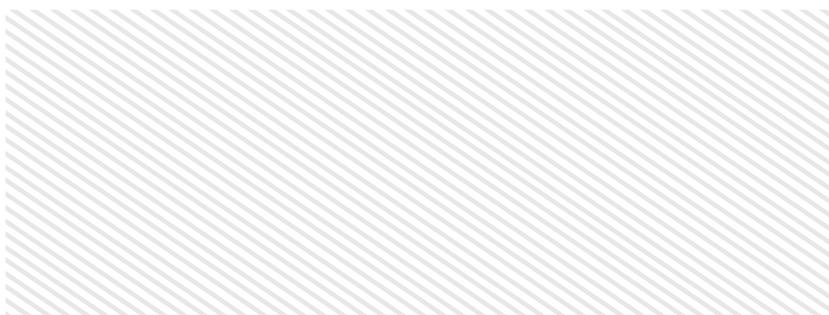
Bruno Alface, Dayane Silva, Rafael dos Anjos, Pe. Valério Sartor e Ana Ziccardi (revisão). Um agradecimento especial a todos que colaboraram com a matéria especial dessa edição.

FOTOS

Banco de imagens / Divulgação
Capa: UNICEF/Iraq 2013/Marshall Tuck

TRADUÇÃO DAS NOTÍCIAS MUNDO + CÚRIA GERAL

Pe. José Luis Fuentes Rodríguez



**Ir. Davidson Braga, SJ**

Coordenador do SJM-Brasil

(Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados)

Um novo ano começa e, com ele, renovam-se as esperanças. Para nós, Jesuítas do Brasil, a virada de ano é marcada, principalmente, pelos Exercícios Espirituais: tempo de rever a caminhada com Jesus e discernir quais passos dar no ano que se inicia.

O discernimento é exigência para a missão e, no trabalho dos jesuítas com migrantes e refugiados mundo afora, não é diferente. Vamos aprofundando a experiência de acompanhar, servir e defender quem vive em situação de vulnerabilidade, olhando a realidade, vendo as pessoas e o que fazem, escutando o que dizem e refletindo em nós sobre tudo isso para tirar maior proveito na missão.

Os quatro últimos anos foram marcados pelo drama dos refugiados e deslocados em todo o mundo e nós, brasileiros, tivemos a oportunidade de não ficar alheios. A acolhida de sírios, haitianos, congoleses, ganeses e senegaleses (para citar algumas nacionalidades) permitiu a alguns de nós acompanhar mais de perto essa dura realidade: convivendo com as pessoas, escutando suas histórias, vendo o que fazem para fugir da guer-

AJUDAR A AJUDAR

ra ou da miséria que assolam muitas regiões do mundo.

A escuta atenta levou-nos a ampliar nossa missão com essa população ao longo dos últimos anos, nos quais tivemos atuação emergencial e significativa em Manaus (AM), com o Projeto Pró-Haiti, por iniciativa do irmão Paulo Welter; com a dedicação de anos de experiência e trabalho da Sra. Karin Wapechowski, no Programa de Reassentamento de Refugiados da Companhia de Jesus, por meio da ASAV (Associação Antônio Vieira), uma de suas mantenedoras, que continuou a prestar solidariedade a dezenas de famílias; em 2013, com a solidariedade

aprecie e vote, sem demora, o projeto que propõe nova lei de migração no Brasil (uma das causas que me trouxe a Brasília (DF) em 2016). Com a Rede Solidária para Migrantes e Refugiados (RedeMiR), alcançaremos mais essa conquista.

Convido todos a acompanhar-nos nesta caminhada. Nesta edição do **Em Companhia**, vocês poderão conhecer um pouco mais daquilo que vamos fazendo mundo afora e, principalmente, no Brasil. Desejo boa leitura dos textos que seguem e peço que atentemos ao apelo do Papa Francisco em sua mensagem para o 103º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, em 15 janeiro de 2017, “a vós que

“ O DRAMA DAS CRIANÇAS MIGRANTES E REFUGIADAS HABITA ENTRE A INVISIBILIDADE E O ESCÂNDALO. POR ISSO, NÃO AS ESQUEÇAMOS.”

entre jesuítas, irmãs Filhas de Jesus e voluntários, que levou à fundação do Centro Zanmi, em Belo Horizonte (MG), dando início à organização do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados no Brasil.

Passo a passo, vamos fortalecendo nossa amizade e companhia aos migrantes e refugiados, nossa vinculação e apoio às redes de proteção no Brasil e em toda a América Latina, nossa luta por justiça e pelo direito à vida digna.

Recomeçamos mais um ano com a esperança de que o Senado Federal

caminhais ao lado de crianças e adolescentes pelas vias da emigração: eles precisam da vossa ajuda preciosa; e também a Igreja tem necessidade de vós e apoia-vos no serviço generoso que prestais”. O drama das crianças migrantes e refugiadas habita entre a invisibilidade e o escândalo. Por isso, não as esqueçamos. Meu desejo profundo é que nos ajude a ajudar: com a escuta, orações, informação, ideias, com recursos humanos e financeiros, com tudo aquilo, enfim, que estiver ao seu alcance.

Boa leitura!

CALENDÁRIO LITÚRGICO PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

JANEIRO FEVEREIRO

JANEIRO

DIA 3

Santíssimo nome de Jesus - Titular da Companhia de Jesus.

DIA 19



São João Ogilvie, presbítero.



Estevão Pongratz, Melchor Grodziecki, presbíteros, e Marcos Krizevčanin, cônego de Esztergom.



Beatos Tiago Salès, presbítero e Guilherme Saultemouche, irmão.

FEVEREIRO

DIA 2



Apresentação do Senhor.

DIA 4



São João de Brito, presbítero.



Beatos Rodolfo Acquaviva, presbítero, e companheiros mártires.(Mártires na Índia)

DIA 6



Santos Paulo Miki, estudante, e companheiros.
(Mártires no Japão)



Beatos Carlos Spínola, Sebastião Kimura, presbíteros, e companheiros mártires.
(Mártires no Japão)

DIA 15



São Cláudio De La Colombière, presbítero.



Pe. Claudio Paul, SJ

► Conte-nos um pouco da sua história.

Nasci em Porto Alegre (RS), em 1962. Tenho um irmão mais velho e duas irmãs depois de mim, que me deram dois sobrinhos e quatro sobrinhas. Todos eles e minha mãe vivem em Porto Alegre. Meu pai já faleceu. Fiz o que, então, se chamava primeiro e segundo graus no Colégio Anchieta. Nessa época, participei por muitos anos do Grupo Escoteiro Manoel da Nóbrega. Terminado o Ensino Médio, cursei a Licenciatura em Letras na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ao final da qual me mudei para São Paulo (SP), em 1983, para continuar estudando. Lá fiz uma especialização para professores de alemão. Trabalhei por três anos em um colégio perto de Campinas (SP). Em 1986, decidi mudar de vida e, em 1987, entrei no noviciado da antiga Província do Brasil Meridional, em Cascavel (PR).

► Como foi o processo vocacional? E a opção pela Companhia de Jesus?

O processo teve seus passos. Talvez, o primeiro foi convencer-me de que, de fato, queria continuar sendo cristão e católico. Isso foi nos anos de estudos universitários. Depois, foi nascendo no coração o desejo de algo mais, de colocar minha vida a serviço das demais pessoas. Queria vi-

ESCUTA E RESPEITO ÀS INSTÂNCIAS

Em outubro passado, durante a 36ª Congregação Geral, o Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Arturo Sosa, nomeou o padre Claudio Paul como assistente regional da América Latina Meridional, que reúne as províncias do Peru, Bolívia, Chile, Paraguai, Argentina-Uruguaí e Brasil. Nos últimos anos, o jesuíta atuava como diretor do Centro de Espiritualidade Pedro Arrupe (CEPA), coordenador Nacional das Escolas de Perdão e Reconciliação (ESPERE) e superior da secção de Cuba da Província das Antilhas. Em sua nova missão, o jesuíta atuará como “ponte” entre o Padre Geral e as Províncias. Deverá assegurar também que o Superior Geral esteja bem informado sobre os fatos importantes das Províncias e assessorá-lo nas decisões a respeito delas. Diante desses desafios, o padre Claudio Paul acredita que, como assistente regional, será essencial ter “uma grande capacidade de escuta e muito respeito às distintas instâncias de decisão”.

ver com um horizonte mais amplo do que o da minha vida (bastante boa) de professor de alemão. Em 1986, finalmente, tive que decidir se iria para a Alemanha, com uma bolsa de estudos, para continuar a minha formação profissional, ou se mudava radicalmente o rumo da minha vida. E essa foi a minha decisão. Claro que, no processo, conversei com pessoas de confiança - meus pais, meu padrinho de Crisma, que é padre jesuíta, e algumas pessoas amigas. A opção pela Companhia de Jesus foi “natural”, eu queria ser padre como

aqueles padres que tinha conhecido no colégio e no grupo escoteiro: gente simples, próxima, normal, com senso de humor, mas que levavam a vida a sério.

► Como jesuíta, quais experiências o marcaram mais?

Cada etapa da formação deixou suas marcas. No Noviciado, ir morar na periferia de Cascavel, numa casa pobre, convivendo com a gente pobre de um bairro marginal, foi uma mudança importante. Depois, a mudança para João Pessoa (PB), pois, para nós do Sul, era como entrar não só em outro Brasil, mas também quase em outro mundo. No período dos estudos de Filosofia, em Belo Horizonte (MG), o desafio da pastoral foi grande, mas a acolhida que recebi dos mineiros deixou amizades que continuam até hoje, graças a Deus. O Magistério em Curitiba (PR) foi, novamente, um tempo forte de convivência com a gente tão boa e cheia de fé da Irmandade do Servo Sofredor da Vila Pinto, bairro pobre e violento ao lado do Colégio Medianeira. Já o período da Teologia foi um tempo de muita amizade com os demais jesuítas da pequena comunidade da qual eu fazia parte, em um bairro de Belo Horizonte. Além de que gostava muito de estudar Teologia.

Depois da ordenação, em 1998, a ida a Roma (Itália) para estudar no Instituto Bíblico foi uma experiência exigente. Nesse tempo, colaborei pastoralmente no presídio de Rebibbia, onde havia um bom número de latino-americanos cumprindo pena. Outra vez, foi entrar em um mundo totalmente diferente do que eu conhecia. A Terceira Provação, no Chile, em 2002, foi uma bênção, pois aí tive a oportunidade de retomar todo o caminho feito até então e encontrar ainda mais razões para dar graças a Deus, que me confirmava na minha vocação. Vieram depois os anos de trabalho intenso na FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), em Belo Horizonte, dando aulas de bíblia e línguas bíblicas, em uma experiência muito bonita de comunidade e de trabalho em equipe. Mais recentemente, a experiência de quatro anos em Cuba: outra vez senti-me “em outro planeta”, mas encontrando muita gente boa, com profunda experiência espiritual e identidade cristã comprovada na adversidade.

► Por que trabalhar em Cuba? Como foi essa experiência?

Depois de 10 anos trabalhando na FAJE, eu brincava dizendo que já era hora de buscar novos problemas. Na verdade, minha primeira ideia era oferecer-me para trabalhar com os brasileiros imigrados no Japão. Contudo, depois de ouvir o testemunho de alguns jesuítas que tinham estado em Cuba, decidi oferecer-me para colaborar lá, já que Cuba é uma prioridade da Companhia de Jesus na América Latina.

Chegar a Cuba é uma experiência muito forte. Se, por um lado, há muitas coisas parecidas com o Brasil (o tipo físico das pessoas, a comida, o ritmo e a música, a influência africana na cultura, entre outras), por outro lado, há coisas que fazem com que a gente se sinta em outro mundo, especialmente a ausência de expressões religiosas, o isolamento midiático, a pressão ideológica, o controle do regime sobre tudo, o medo que se sente “no ar”.

Graças a Deus, a restrição no âmbito religioso já diminuiu bastante. As pessoas já não têm mais medo de ir às igrejas e pedir os sacramentos, como acontecia há uns quinze anos. Há muitos exemplos de pessoas que fazem um bonito e sincero caminho de conversão. A Igreja, contudo, ainda não tem liberdade para trabalhar na educação e abrir escolas. Há apenas dois anos, foi finalmente possível abrir a primeira “livraria” católica do país em Havana. Tanto o regime cubano quanto a Igreja ainda se olham com desconfiança e há várias questões que ainda precisam ser trabalhadas.

► Agora, quais seus primeiros desafios como assistente regional dos Jesuítas da América Latina Meridional da Companhia de Jesus?

O meu primeiro desafio está sendo aprender como ser assistente, já que é totalmente novo para mim. Graças a Deus, meu predecessor e os demais assistentes estão dando-me muito apoio e orientação. Boa parte do trabalho consiste em acompanhar a correspondência entre os governos provinciais e o governo geral, fazendo o “meio de campo” – o que significa ler muitas cartas, detectar os temas mais importantes, apresentar sugestões ao Padre Geral sobre como tratá-los. Mas, além do que corresponde à região da qual sou assistente, há também outros temas que têm a ver com toda a Companhia de Jesus e que são discutidos e trabalhados no Conselho Geral.■

PAPA PEDE RESPOSTAS AO GRITO DA TERRA E DOS POBRES



FOTO: ANSA

O Papa Francisco lançou um apelo angustiado “a fim de que as Igrejas locais respondam com determinação ao grito da terra e dos pobres”, no final da audiência geral de quarta-feira, 1 de fevereiro. Ao saudar os grupos linguísticos presentes na Sala Paulo VI, o Pontífice dirigiu-se, em particular, à delegação do Movimento Católico Mundial pelo Clima Global (*Catholic Climate Movement-GCCM*), agradecendo “o compromisso em cuidar da casa comum nestes tempos de grave crise socioambiental”. E acrescentou: “Encorajo o Movimento a continuar a tecer redes a fim de que as Igrejas locais respondam com determinação ao grito da terra e ao grito dos pobres”.

O GCCM é uma coalizão internacional de organizações e indivíduos

católicos que, em união e colaboração com o Papa e os bispos, quer reforçar a voz católica nas discussões sobre as mudanças climáticas globais. Entre os objetivos do Movimento, estão:

- Despertar consciência no interior da Igreja quanto à urgência de providências em favor do clima, à luz dos ensinamentos sociais e ambientais católicos.
- Advogar em favor de nossos irmãos e irmãs na pobreza, que são os mais suscetíveis aos impactos da mudança do clima.
- Promover a relação estabelecida pelo catolicismo entre fé e razão, especialmente no que concerne à to-

mada de decisões políticas em face da mudança global do clima.

- Incentivar líderes políticos, empresariais e sociais a assumir compromissos ambiciosos para solucionar a crise climática.

Fontes: Rádio Vaticana / News.VA

EMBAIXADA DA PALESTINA JUNTO À SANTA SÉ

Em 14 de janeiro, o presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmud Abbas, inaugurou oficialmente a Embaixada da Palestina junto à Santa Sé. A nova representação diplomática fica em um prédio em frente ao Vaticano, onde estão também as embaixadas do Peru e Burkina Faso.

Antes da inauguração, o Papa recebeu o presidente palestino em audiência privada no Vaticano. Depois do encontro, Abbas louvou o reconhecimento da independência nacional palestina pelo Vaticano: “Espero que outros Estados tomem o exemplo da Santa Sé.” E, mais tarde, à TV palestina, declarou ter conversado com Francisco sobre o processo de paz no Oriente Médio, a iniciativa de paz da França e o combate ao terrorismo. Abbas referiu-se a um sinal de



FOTO: GIUSEPPE LAMI/POOL/AFP

que “o Papa ama o povo palestino e a paz”.

Vale lembrar que, desde janeiro de 2016, está em vigor um acor-

do diplomático bilateral entre a Santa Sé e o Estado da Palestina.

Fontes: News.VA / G1 / UOL

VATICANO CONDENNA ATENTADO EM QUEBEC

Em 30 de janeiro, um atentado contra uma mesquita em Quebec (Canadá) deixou seis mortos e oito feridos. A notícia foi recebida com tristeza e indignação pelo Papa Francisco e pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, que se pronunciaram a respeito.

O Pontífice enviou um telegrama à Arquidiocese de Quebec manifestando seu pesar. “Sua Santidade confia à misericórdia de Deus as pessoas que perderam a vida e se associa à oração e à dor de seus entes queridos. Expressa sua profunda solidariedade aos feridos

e seus familiares, assim como a todas as pessoas que contribuíram nas operações de socorro, pedindo ao Senhor que lhes conforte e console neste momento de provação. O Santo Padre condena firmemente a violência que gera tanto sofrimento e implora de Deus o dom do respeito mútuo e da paz, invocando sobre as famílias e todas as pessoas tocadas por este drama, assim como para todos os cidadãos da cidade, as bênçãos do Senhor”, diz o texto. Além disso, Francisco ressaltou a importância de, neste momento, permanecerem todos unidos na oração, cristãos e muçulmanos.

O Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso também emitiu uma nota em que ressalta: “Com este gesto insensato, foram violados a sacrilígio da vida humana e o respeito devido a uma comunidade em oração e ao lugar de culto que a acolhia. O Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso condena firmemente este ato de excepcional violência e deseja que chegue aos muçulmanos do Canadá a sua plena solidariedade, assegurando sua fervorosa oração pelas vítimas e suas famílias”. ■

Fonte: News.VA



O DESAFIO DAS FRONTEIRAS

NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA E COM A ESPERANÇA DE REENCONTRAR A PAZ, MILHÕES DE PESSOAS ATRAVESSAM AS MAIS DIVERSAS FRONTEIRAS

“ José se levantou, tomou consigo o menino e sua mãe, de noite, e retirou-se em direção ao Egito” (Mt 2,14). No Evangelho de Mateus, a passagem bíblica nos recorda que, há mais de dois mil anos, uma família atravessou as fronteiras para poder sobreviver. José, Maria e Jesus fugiam da ira de Herodes, rei da Judéia, que os estava perseguinto. Hoje, milhões de pessoas, assim como a Sagrada Família, vivenciam esse mesmo drama. Porém, agora, o ‘Herodes’ que os persegue tem outro nome, outro rosto. Ele não está personificado em uma pessoa, mas sim nas violações dos direitos humanos, na intolerância política e religiosa, na miséria e nos diversos conflitos

armados, que são alimentados pela ganância humana.

Atualmente, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas)*, há mais de 253 milhões de migrantes no mundo, dos quais 65,3 milhões são refugiados. Para dimensionar a questão, basta considerar que esse número ultrapassa a população da França, que é de mais de 64 milhões de habitantes (IBGE 2016). São milhões de Joses, Marias e Jesus que atravessam as fronteiras em busca de sobrevivência e de uma vida mais digna. O Ir. Davidson Braga Santos, coordenador do SJM-Brasil (Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados), explica que “migrante é um termo genérico para designar as pessoas que deixam o

seu lugar de origem para estabelecer residência em outra região, cidade ou país. Dentro do conceito de migrantes, vamos encontrar: imigrantes, emigrantes, migrantes econômicos, migrantes climáticos etc. Segundo essa lógica, é possível considerar o refugiado como uma subcategoria de migrante, pois esse substantivo faz referência à pessoa que é forçada a deixar seu lugar de origem por motivos de guerra ou perseguição”.

Segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), conhecido também como a Agência da ONU para Refugiados, estima-se que existam 24 novos refugiados por minuto no mundo. E, de acordo com o Relatório

da Situação Mundial da Infância de 2016, elaborado pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), dados do ACNUR mostram que, até 2015, metade do número de refugiados eram crianças, ou seja, mais de 30 milhões. Os números impressionam e, pelos jornais, acompanhamos atônitos essa triste realidade de pessoas que arriscam suas vidas para ir para outro país em busca de paz e dignidade.

Nessa travessia, cercada por inúmeros perigos, muitos não chegam ao destino desejado. Dados da Organização Internacional para Migrações (OIM) apontam que mais de 4,6 mil pessoas morreram tentando atravessar o mar Mediterrâneo em 2016. Essa é a principal rota dos migrantes que deixam o Oriente Médio em direção à Europa, tentando chegar à Grécia e à Itália sem cruzar nenhum outro país. Porém, essa travessia tem se mostrado letal, pois é realizada em situação precária, por meio de embarcações sem estrutura alguma. Além de todo esse drama, há ainda pessoas que tiram proveito dessa situação ao oferecerem preços acessíveis pela travessia, mas que, na prática, lotam as embarcações de famílias, que depois são abandonadas à própria sorte no meio do mar. Quem não se lembra do caso do menino sírio Aylan Kurdi, de três anos, que foi encontrado sem vida na costa de uma praia turca, após a embarcação em que estava com sua família afundar? Assim como Aylan, mais de 420 crianças e adolescentes morreram tentando atravessar o mar Mediterrâneo. Outra situação comum é atuação de traficantes, que se aproveitam da vulnerabilidade dos migrantes, fazendo-os reféns durante a viagem para comercializá-los como mão de obra escrava.

Os fluxos migratórios sempre existiram, fazem parte da história da humanidade e foram importantes para a construção do mundo como o conhecemos. Contudo, quando falamos dessa situação no mundo atual, a questão torna-se mais complexa, pois estamos tratando de milhões de pessoas que estão abandonando sua terra natal para fugir de conflitos armados. "Em vários países localizados

entre o norte da África e Oriente Médio, a falta de controles institucionais aliada a interesses geopolíticos, com forte participação de atores externos, cria um ambiente fértil para a eclosão de lutas armadas pelo controle dos poderes locais", explica Alessandro Augusto Pereira, professor de História, Sociologia e Filosofia, em entrevista à revista História em Foco (Ed. 1/2017). Essa é a situação da Síria, que, desde 2011, vive a realidade da guerra civil. O conflito causou a destruição do país, a morte de mais de 400 mil pessoas e a fuga de 5 milhões de civis.

Nesse contexto, há tratados internacionais que protegem os direitos dos migrantes e refugiados. O principal deles é a Convenção das Nações Unidas de 1951 e seu Protocolo de 1967, reconhecidos como instrumentos fundamentais de direitos humanos. Os documentos estabelecem padrões básicos para o tratamento de refugiados pelas nações. No entanto, não impõem aos Estados qual o padrão mínimo de auxílio para essas pessoas. Para o Ir. Davidson, esses documentos são marcos legais de grande importância na proteção internacional de direitos humanos, principalmente de refugiados. "Observem que a Convenção se dá exatamente no pós-guerra que, até 2014, vinha sendo considerado o período em que houve maior deslocamento de pessoas no mundo. Digo até aquele ano, pois os dados divulgados a partir de então vêm indicando que o período atual deve superar consideravelmente aquele momento. Por isso, é muito importante que mais e mais países não sejam apenas signatários da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, mas estabeleçam também políticas públicas para a acolhida e inserção dos refugiados e também de migrantes", afirma.

Ignorando esses tratados, no último 27 de janeiro, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinou um decreto proibindo cidadãos de sete países de maioria muçulmana (Iêmen, Iraque, Irã, Líbia, Síria, Somália e Sudão) de entrar no território norte-americano. Além disso, suspendeu por 120 dias o recebimen-



to de qualquer refugiado. Caso seja sírio, a situação é ainda pior, pois o refugiado está banido por tempo indeterminado. Essa decisão está causando polêmica na Justiça dos Estados Unidos.

Após os decretos do presidente estadunidense, que também anunciou recentemente a construção de um muro na fronteira com o México, o Vaticano expressou sua preocupação. Em declaração ao canal católico Tv2000, o arcebispo Angelo Becciu afirmou que a Igreja é contra essas determinações, pois é mensageira de uma cultura de abertura. "Somos construtores de pontes e todos os cristãos devem reafirmar fortemente esta mensagem", declarou. A fala de Becciu reflete a mensagem de acolhimento que o Papa Francisco vem reforçando há algum tempo.

O APELO DE FRANCISCO

"Quantas vezes, na Bíblia, o Senhor nos pede para acolher os migrantes e os estrangeiros, recordando-nos que nós também somos estrangeiros", ressaltou o Papa Francisco, em mensagem pelo 103º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, celebrado em 15 de janeiro pela Igreja. Com o tema *Migrantes de menor idade, vulneráveis e sem voz*, o Pontífice pediu a adoção de "todas as medidas possíveis para garantir proteção, defesa e integração para as crianças migrantes".

O Papa frisou que as migrações deixaram de ser um fenômeno limitado a alguns países e que, hoje, atinge todos os continentes, assumindo cada vez mais as dimensões de um problema mundial. "Não se trata apenas de pes-

No mundo, existem mais de
253 MILHÕES
 de migrantes, dos quais
65,3 MILHÕES
 são refugiados.



É mais que a população
 da França.



Estima-se que existam

**24 NOVOS
 REFUGIADOS**

por minuto no mundo.



Metade do número de refugiados
 são crianças, ou seja, mais de

30 MILHÕES



A guerra na Síria causou a
 morte de mais de

400 MIL

pessoas e a fuga de
5 MILHÕES
 de civis.

soas à procura de trabalho digno ou de melhores condições de vida, mas também de homens e mulheres, idosos e crianças, que são forçados a abandonar as suas casas com a esperança de se salvar e encontrar paz e segurança em outro lugar", disse. O Santo Padre ressaltou que a Igreja nos encoraja a reconhecer o desígnio de Deus também nesse fenômeno, com a certeza de que ninguém é estrangeiro na comunidade cristã. "Cada um é precioso – as pessoas são mais importantes do que as coisas – e o valor de cada instituição mede-se pelo modo como trata a vida e a dignidade do ser humano, sobretudo em condições de vulnerabilidade, como no caso dos migrantes de menor idade", afirmou.

Em visita apostólica à Ilha de Lesbos (Grécia), realizada em 16 de abril de 2016, o Papa Francisco assinou uma declaração conjunta com o patriarca de Constantinopla e líder espiritual da igreja ortodoxa mundial, Bartolomeu, e o arcebispo de Atenas e da Igreja Ortodoxa grega, Ieronymos. Na mensagem, os líderes pediram às comunidades religiosas que "aumentem os seus esforços para receber, assistir e proteger os refugiados de todas as crenças, e que os serviços religiosos e civis de assistência se empenhem por coordenar os seus esforços. Enquanto perdurar a necessidade, pedimos a todos os países que alarguem o asilo temporário, ofereçam o estatuto de refugiado a quantos se apresentarem idôneos, ampliem os seus esforços de socorro e colaborem com todos os homens e mulheres de boa vontade para um rápido fim dos conflitos em curso".

Nessa mesma viagem, em ato simbólico de acolhida, Francisco levou para o Vaticano três famílias de refugiados sírios. Para Ir. Davidson Braga Santos, coordenador do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, com esses gestos, o Papa torna-se um exemplo de pastor. "Ele tem dado sua atenção às ovelhas perdidas e mais frágeis. Todos nós temos visto o quanto ele se preocupa com o tema dos

refugiados. Mas essa não é exclusividade de sua atuação pastoral, apenas mais um exemplo do cuidado com o rebanho. Assim, migrantes e refugiados podem sentir-se acolhidos como outras ovelhas também. Entre suas atitudes de acolhida e atenção, destacam-se os gestos simples e de grande simbolismo como visitar campos de refugiados, convidá-los para o café da manhã e para a celebração de lavapés", diz o jesuíta. "Esses gestos simples são acompanhados de atos de grande envergadura como o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, dentro do qual há um setor exclusivo para os refugiados, a cargo do próprio Pontífice", explica Ir. Davidson.

Francisco instituiu, em agosto do ano passado, o Dicastério citado, que tem como competência atuar nas áreas relacionadas com as migrações, com os necessitados, os enfermos e excluídos, os marginalizados e as vítimas dos conflitos armados e desastres naturais, os encarcerados, os desempregados e as vítimas de qualquer forma de escravidão e de tortura. Nesse Dicastério, o Papa ocupa diretamente o departamento dedicado aos migrantes e refugiados. "Com essas atitudes, ele nos dá exemplos de como devemos agir em favor de migrantes e refugiados: desde a simplicidade e o convívio com eles até a criação de estruturas mais duráveis a favor de seus direitos", ressalta Ir. Davidson.

EM COMPANHIA COM OS MIGRANTES

Os jesuítas vêm atuando com os migrantes desde 1980, quando o então Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Pedro Arrupe, criou o Serviço Jesuíta aos Refugiados – JRS (sigla em inglês). A partir do pontificado de Francisco, a Companhia de Jesus empreende esforços mais consistentes nos cinco continentes, atendendo aos apelos do Papa em favor dos migrantes.

Além do JRS, hoje presente em mais de 50 países, mais recentemente, nasceu o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugia-

dos – SJM, que tem como foco de atuação a América Latina e o Caribe. “Com os processos de ver a realidade, refletir sobre ela, atuar e avaliar, muito próprios de nosso discernimento, fizemos adaptações nas províncias do nosso continente que deram origem ao SJM. Em nossa região, apenas a Colômbia vinha provocando situações de refúgio, mas a migração cresce continuamente com situações dramáticas como a fronteira entre México e Estados Unidos e a diáspora haitiana. Avaliando o perfil das pessoas que passam por nossos centros de atenção, decidimos oferecer o serviço a migrantes em situação de vulnerabilidade, pois, muitas vezes, tais pessoas encontravam-se tão expostas, ou mais, que os refugiados, além de representar maior contingente. Assim, aos poucos, foram surgindo os escritórios do SJM em vários países”, esclarece Ir. Davidson.

Segundo ele, o SJM atua no acompanhamento, no serviço e na defesa de pessoas vítimas da injustiça. “Acompanhar, servir e defender têm sido o lema do SJR e, por extensão, do SJM. Para isso, atuamos diretamente nos campos de refugiados, nas fronteiras, nos grandes centros urbanos, enfim, nos lugares onde há maior concentração e possibilidades de acompanhar as pessoas em mobilidade. Mas nossa atuação também ocorre junto aos governantes, às lideranças e à sociedade em geral, desenvolvendo políticas migratórias e culturas de maior acolhimento ao estrangeiro. Olhamos sempre os efeitos e as causas dos fenômenos migratórios, tentando encontrar soluções de vida e prosperidade para as pessoas e a sociedade em geral”, ressalta o jesuíta.

Além do Serviço Jesuíta aos Refugiados (SJR) e o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJM), a Companhia de Jesus conta também com a Rede Jesuíta com Migrantes na América Latina e Caribe (RJM-LAC), que integra os serviços citados anteriormente, tornando-se uma única rede na América Latina e no Caribe.

O padre Mauricio García Durán, co-

ordenador da RJM-LAC, explica que, nos últimos anos, as crises no Oriente Médio e na África evidenciaram ainda mais a problemática dos migrantes nesses lugares. Contudo, ele ressalta que esse fenômeno também é muito presente na América Latina e no Caribe. Os anos de conflito na Colômbia, por exemplo, obrigaram milhares de pessoas a deixar o país. “Conforme indicam os recentes dados do ACNUR e da OIM e como temos observado e documentado, em nosso continente, os migrantes são o resultado de situações de violência que aqui se vive, das políticas de segurança restritiva e das difíceis situações econômicas e de sustentabilidade que enfrentam em seus países de origem. Os fluxos migratórios têm-se modificado e, com eles, tem aumentado o número de migrantes e refugiados na região”, garante.

A RJM-LAC utiliza como estratégia de ação e ponto de partida o acompanhamento sócio pastoral direto aos imigrantes, os deslocados, os refugiados e suas famílias. “Com base nesse contato, são identificados os temas e as problemáticas prioritárias de interesse que requerem estudo. Assim, leva-se a cabo a pesquisa e/ou a sistematização dos temas selecionados, de preferência mediante uma investigação aplicada. Os resultados obtidos servem como funda-

mento para incidência política, incluindo a defesa dos direitos humanos de pessoas vulneráveis que se ancoram diretamente na estratégia da Campanha pela Hospitalidade, reunindo todas as sub-regiões do continente”, afirma padre Mauricio.

Nessa atuação com migrantes e refugiados, muitos são os desafios enfrentados. Segundo o coordenador da RJM-LAC, os principais deles estão nas constantes mudanças nos fluxos migratórios, que são muito dinâmicos. “As rotas de circulação não se mantêm por muito tempo e o acompanhamento às pessoas torna-se muito difícil, porque as rotas de hoje não são as mesmas de amanhã, que podem nem existir mais. E as equipes com que contamos para atender a essa problemática não têm a mesma flexibilidade e facilidade de deslocamento”, conta padre Mauricio. Além disso, ele ressalta que “costuma ser muito difícil acompanhar, servir e defender essas pessoas quando as denúncias e as propostas não fazem eco nos governos nacionais ou, em muitos casos, o tema não está nem dentro de suas prioridades de governança”.

O descaso ou a falta de interesse de muitos governos com relação às questões dos migrantes e refugiados é apenas uma das barreiras enfrentadas por essas pessoas. “Já é de conhecimento que um dos primeiros desafios é a viagem ao país de destino, que, geralmente, inclui a ilegalidade e o risco iminente de perda da própria vida. Depois, na chegada ao novo país, o migrante enfrenta as barreiras impostas pelas políticas públicas, >



FOTO: JESUIT REFUGEE SERVICE INTERNATIONAL

que costumam violentar a sua condição de ser humano e a sua dignidade. Logo mais, sabe-se que, no aspecto econômico, o migrante está em desvantagem e vê-se obrigado a empregar-se em condições inferiores às das pessoas cidadãs, sem nenhum tipo de segurança ou benefício, e ganhando salários significativamente inferiores", salienta padre Mauricio.

O Ir. Davidson ressalta que, apesar dos importantes avanços conquistados em alguns países, ainda há muito trabalho pela frente. "Nos seminários e congressos nacionais e internacionais dos quais eu tive participado, o abuso de autoridade e a violação de direitos são temas recorrentes. Agentes de proteção em regiões fronteiriças, pesquisadores e, quase sempre, os próprios migrantes e refugiados fazem denúncias graves nesses espaços e em outros veículos. Há muitas pessoas empenhadas na proteção e garantia de direitos, mas ainda não é o suficiente", afirma. O jesuíta destaca que a questão do respeito aos direitos não é exclusividade de migrantes e refugiados, mas que esse tema provoca muito mal-estar em grupos sociais xenófobos. "É comum as pessoas reagirem dizendo: 'nem os nossos direitos são garantidos e você fica lutando pelo direito dos estrangeiros?'. Há fundamento nos argumentos dessas pessoas. Mas não dá para hierarquizar entre cidadãos nacionais ou não, quando estamos diante da miséria, da violência, da prisão injusta, do racismo e de outras violações de direitos. Muitas vezes, eu penso que é o cerceamento de meus próprios direitos que me torna ainda mais sensível à causa do outro", diz.

Além dessas barreiras, existem as que estão presentes no dia a dia dessas pessoas, como o idioma e a cultura local, determinantes na integração em sociedade. "Finalmente, e não menos importante, um dos problemas enfrentados pelos migrantes faz referência ao crescente sentimento de rechaço por parte dos habitantes dos países receptores, dado o imaginário discriminatório e excluente construído em torno da figura do migrante", avalia padre Mauricio.

Nesse cenário, os jesuítas são chamados a ir às fronteiras, ao encontro dessas populações. O Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Arturo Sosa, em sua mensagem pelo Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, ressaltou o papel da Ordem religiosa nesse contexto. "Este momento é um importante sinal de compromisso que a Companhia de Jesus tomou para acompanhar, com os modestos recursos de que dispõe, as ansiedades e as esperanças dos refugiados, que vivem na Itália e em todo o mundo", afirmou.

ATUAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, a Companhia de Jesus atua com migrantes e refugiados, principalmente por meio de duas iniciativas: o Centro Zanmi, em Belo Horizonte (MG), e o Programa Brasileiro de Reassentamento Solidário de Refugiados, em Porto Alegre (RS). Além dessas duas frentes, a Companhia está presente em Assis Brasil (AC), ponto de passagem dos haitianos que chegam ao território brasileiro (saiba mais na 11ª Edição **Em Companhia**/Janeiro 2015).

No Sul do país, essa atuação é exclusiva para refugiados e suas famílias que já tiveram esse status reconhecido em outro país. O programa é responsável pela acolhida dessas pessoas, o que envolve desde

moradia até estudos e trabalho. "O reassentamento representa um papel importante e um complemento ao sistema de proteção internacional ao refugiado, pois possibilita tanto a proteção legal e física, como a solução duradoura, oferecendo as condições necessárias locais para que eles possam reiniciar sua vida", explica Karin Kaid Wapechowski, coordenadora do Programa Brasileiro de Reassentamento Solidário de Refugiados.

Segundo ela, essas condições dizem respeito a uma gama de possibilidades e intervenções que a Companhia de Jesus busca construir a fim de aumentar as chances de inclusão e participação dos refugiados nas suas comunidades de acolhida. "Isso acontece por meio de parcerias com a iniciativa privada, com órgãos e serviços públicos, com as universidades e com a sociedade em geral. O objetivo maior é garantir que os refugiados e suas famílias desfrutem do acesso aos meios de subsistência em igualdade de condições que os brasileiros, gerando renda e autossuficiência enquanto ainda estão no período de assistência regular pelo programa, que dura cerca de doze meses a partir da chegada ao Brasil", conta Wapechowski.

O Programa é executado em três partes: pelo Estado Brasileiro - por meio do Ministério da Justiça/CONARE (Comi-



Aline Magalhães, colaboradora do Centro Zanmi (camiseta preta), e imigrantes na Entrega dos Certificados do Curso de Capacitação para o Trabalho

FOTO: ACERVO CENTRO ZANMI

té Nacional para os Refugiados)-, pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) e pelas Organizações da Sociedade Civil, neste caso, a Companhia de Jesus. O financiamento também é rateado nessas organizações, que têm suas competências bem definidas e que se complementam.

Por ser um programa solidário, a estrutura tripartite responsável pela implementação não se delimita por atender a determinados perfis de pessoas ou famílias refugiadas, segundo explica a coordenadora da iniciativa. "Quando acontece a missão de entrevista dos casos identificados pelo ACNUR no primeiro país asilo, a Companhia de Jesus, que também participa desse primeiro contato com os candidatos ao Programa, avalia as condições de trabalho, preferência por clima, grau de instrução e, principalmente, a capacidade local das cidades prospectadas para a absorção das famílias. Ou seja, procuramos expor as condições locais de integração para que os refugiados possam se enxergar no novo ambiente da cidade solidária e, finalmente, aderirem voluntariamente ao programa", ressalta Wapechowski.

O Centro Zanmi, concebido inicialmente para dar assistência a haitianos que chegavam à Região Metropolitana de Belo Horizonte, tornou-se a sede do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados no Brasil. Hoje, oferece serviços em cinco áreas de atenção direta ao migrante e refugiado: social; documental; jurídica; línguas e cultura; e trabalho. Além disso, há quatro áreas de gestão e atuação indireta, sobretudo com a população brasileira: Projetos; Comunicação; Incidência e Voluntariado.

A rotina no Centro Zanmi é agitada e complexa, pois muitos atendimentos têm a ver com a vida corriqueira de cada um. "As pessoas que a equipe atende vêm para aliviar e solucionar as suas dores e feridas, os seus problemas, em vários âmbitos da sua vida, desde elaborar um currículo, na busca por um emprego, até resolver litígios, seja no trabalho ou na

família", explica Pascal Peuzé**, coordenador do Centro Zanmi. Segundo ele, algumas situações os levam além do corriqueiro. "O atendimento abrange a pessoa como um todo. Do nascimento, quando se trata de acompanhar até a sala do parto uma mãe com possíveis complicações, até a morte, quando se trata de acompanhar a família no luto, ou mesmo organizar o sepultamento de um falecido sem família no Brasil", complementa.

Atualmente, acontecem 250 atendimentos, em média, por mês. Porém, Peuzé ressalta que, além dos atendimentos registrados e contabilizados, há também os feitos por telefone e pessoalmente, que acontecem informalmente, seja por meio da solução de dúvidas, seja pela transmissão de informações. "O atendimento acontece de terça a sábado, no período da tarde. Toda e qualquer pessoa que se apresentar é recebida. Iniciamos com uma fala geral de acolhimento, pontuando algumas informações importantes para os imigrantes. Ressaltamos também princípios nossos, como a luta contra o assédio, em todos os âmbitos. Depois, há um processo de triagem que avalia a situação da pessoa. Após essa etapa, ela é encaminhada para as áreas social, documental, jurídica, etc.", explica.

Além do atendimento no escritório, há atividades realizadas em outros locais, como as aulas de português, que acontecem no Centro de Belo Horizonte e em bairros periféricos, e os encontros do projeto Mulheres, que atua em prol da conscientização das imigrantes em questões de gênero. "Nossa atuação estende-se também a situações delicadas e/ou graves, que exigem uma ação imediata, *in loco*", conta Peuzé.

Em relação à acolhida dos migrantes e refugiados, a atuação nacional é avaliada positivamente sob o aspecto da garantia de direitos. Para refugiados, há a Lei Federal 9.474/97, que garante a proteção legal e física da pessoa. "Ao lado da Constituição Federal de 1988, essa lei é o principal ordenamento jurídico nacional

na proteção de direitos dos refugiados. Ela é resultado de uma série de ações de abertura que o Brasil adotou ao longo dos anos, ultrapassando os limites e definições dos documentos da ONU (Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967). Com isso, podemos ser considerados um dos países com maior amparo legal para refugiado", afirma Ir. Davidson.

O jesuíta destaca também o Decreto Presidencial publicado no Diário Oficial da União (DOU), em 19 de agosto de 2015, por meio do qual se conclui a ratificação da Convenção das Nações Unidas para a Redução dos Casos de **Apátridia** (1961).

Segundo o ACNUR, ser apátrida significa não possuir nacionalidade ou cidadania. É quando o elo legal entre o Estado e um indivíduo deixa de existir.

"Embora seja tema raramente divulgado, a apátridia está associada aos temas a que fazemos referência aqui. A falta de nacionalidade leva muitas pessoas a migrar de um lado a outro, solicitando refúgio ou qualquer outra possibilidade de existência civil. Com esse Decreto, a nacionalidade brasileira pode se dar por território ou consanguinidade e o país deixa de gerar apátridas", explica.

No final de 2016, precisamente no dia 6 de dezembro, foi dado mais um importante passo rumo à substituição do antigo Estatuto do Estrangeiro, promulgado na época da Ditadura Militar. Na ocasião, o Projeto de Lei 2516/2015 foi aprovado pelo plenário da Câmara dos Deputados e agora aguarda avaliação e votação no Senado. "Esse projeto é fruto de muito trabalho de diferentes atores do Legislativo, Executivo, Judiciário, sociedade civil, pesquisadores, coletivos de migrantes, etc., e promete ser um marco importante na proteção dos direitos de migrantes no >

Brasil, pois propõe a mudança de paradigma da seguridade nacional para a garantia de direitos", acredita Ir. Davidson.

O Brasil conta também com importantes órgãos que atuam na questão do refúgio e imigração. O Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), que está alojado dentro do Ministério da Justiça, é o responsável por julgar as solicitações de refúgio e gerir a política de acolhimento e integração dos refugiados. "É um órgão tripartite em que governo, ACNUR e sociedade civil colaboram para dirimir a problemática do refúgio no país", esclarece o jesuíta. Já os migrantes contam com o Conselho Nacional de Imigração (CNig), que está dentro do Ministério do Trabalho e, por sua vez, também tem uma composição tripartite: Governo, Empregadores e Empregados. "Desse órgão, saem as políticas e resoluções para a migração em geral, sobretudo no mundo do trabalho e da academia, além de julgar as solicitações de alteração de visto e casos omissos", explica.

Ir. Davidson ressalta que existem ainda dois outros órgãos importantes para a migração dentro do Ministério da Justiça: o Departamento de Polícia de Imigração (Pólicia Federal), responsável pelo controle migratório; e o Departamento de Migrações (Secretaria Nacional de Justiça), que desenvolve, além de outras funções importantes, estratégias e soluções para as migrações.

O jesuíta destaca a ação conjunta dos Ministérios da Justiça e do Trabalho, que concederam o visto humanitário a haitianos e sírios nos últimos anos, criando situações de acolhida documental, que é muito valiosa para essas pessoas. "Claro que a acolhida de fato, que inclui estudos, trabalho, cultura, etc., ainda é um longo caminho, mas os estrangeiros e o governo brasileiro têm contado com a intensa atuação de instituições da sociedade civil, principalmente da Igreja Católica, para dar acolhida e proteção a essas pessoas", afirma Ir. Davidson.



FOTO: ACERVO CENTRO ZANMI

Imigrantes haitianos recomeçam a vida no Brasil

A conscientização da população sobre como funciona esse complexo sistema de acolhida é essencial para acabar com os preconceitos. "A sociedade, como um todo, precisa ser, permanentemente, esclarecida e informada sobre os direitos de migrantes e refugiados por meio de atividades de formação, palestras, campanhas de mídia e de educação para os Direitos Humanos em todas as instâncias", defende Wapecowski. Segundo ela, a xenofobia e a discriminação são produtos, em grande parte, da ignorância sobre o tema e pelo temor ao diferente. "Uma coisa leva a outra. Se não sabe, também não se preocupa ou se preocupa mal. Além disso, a insuficiência ou a total ausência de políticas públicas de direitos específicos pode causar o afastamento dessas populações aos direitos humanos essenciais, que, na sua maioria, é dever do Estado. Os próprios operadores dos serviços não reconhecem migrantes e refugiados como sujeitos de direitos e, por isso, são barrados em escolas, em postos de saúde e nos Centros de Referência da Assistência Social", alerta.

Os apelos do Papa Francisco, a atuação da Companhia de Jesus e de tantas outras instituições são um convite para que cada um de nós possa refletir sobre como estamos acolhendo os migrantes

e os refugiados. Como será que lidamos com o outro? Ir. Davidson nos faz uma interessante provocação: "O brasileiro costuma dizer de si mesmo ser um povo acolhedor. E, de fato, o é muitas vezes. Contudo, muitos migrantes e refugiados têm experimentado rejeição, racismo, xenofobia. Os serviços públicos estão totalmente despreparados para acolher a pessoa migrante. Porém, a migração de intelectuais, brancos, mão de obra especializada é sempre bem-vinda, ao passo que a de pobres, negros, mão de obra barata é tida como produto indesejado. No Brasil, por exemplo, não vemos pessoas demonstrando xenofobia a estadunidenses, canadenses, franceses, e sim a haitianos e africanos em geral", finaliza.

Despir-se de preconceitos, abrir o coração e acolher é um primeiro passo na busca por uma sociedade mais humana e justa, pois, antes de sermos brasileiros, haitianos, sírios, somos todos humanos e merecemos sempre uma nova chance para recomeçar. "Uma das minhas maiores alegrias é ouvir as histórias bem-sucedidas de integração na sociedade brasileira. Existe melhor sinal de integração do que ouvir as crianças chegadas há poucos meses falar num perfeito mineirês: 'esper'um tiquim?'", diverte-se Peuzé, do Centro Zanmi. ■

*Informações acessadas em <https://refugeesmigrants.un.org/infographics>.

** As informações fornecidas por Pascal Peuzé foram elaboradas em conjunto com toda a equipe do Centro Zanmi.

PADRE GERAL REENCONTRA JESUÍTAS DE ROMA

Mais de 200 jesuítas das comunidades de Roma (Itália) e arredores enfrentaram o frio do dia 7 de janeiro para se encontrarem com o Padre Geral, Arturo Sosa, na Cúria Geral. No começo de cada ano, o Superior Geral da Companhia de Jesus acolhe os jesuítas residentes na capital italiana para lhes desejar um feliz ano novo. Este ano foi ainda especial, por-

que, para alguns jesuítas, tratava-se do primeiro encontro pessoal com o padre Sosa. Com seu modo habitual, o Padre Geral passou alguns momentos com cada um dos convidados.

Atualmente, são mais de 400 jesuítas residentes em Roma, distribuídos nas Casas romanas internacionais e nas comunidades da Província da Itália.■

90 ANOS DA PRESENÇA JESUÍTA EM HONG KONG

Em 3 de dezembro de 2016, a comunidade Matteo Ricci, da província jesuítica da China, celebrou o 90º aniversário da chegada dos jesuítas a Hong Kong. Mais de 800 pessoas assistiram à Eucaristia na Capela de Santo Inácio, no Colégio Wah Yan (em Kowloon), que foi presidida pelo Cardeal John Tong Hon, bispo de Hong Kong.

Vindos de Dublin (Irlanda), os padres George Byrne e John

Neary foram os primeiros jesuítas que, convidados pelo Bispo Henry Valtorta (vigário Apostólico de Hong Kong), chegaram à região, em 2 de dezembro de 1926. No dia seguinte, festa de São Francisco Xavier, celebraram sua primeira missa na ilha. Passado um ano, juntaram-se a eles outros três jesuítas irlandeses, os padres Richard Gallagher, Patrick Joy e Daniel MacDonald, e o jesuítico australiano padre Daniel Finn.■

ESTADOS UNIDOS: NOVA PROVÍNCIA

A partir de 5 de junho de 2017, a Província USA Midwest (UMI) passará a existir, unificando as atuais províncias de Chicago-Detroit e Wisconsin (Estados Unidos), que, então, serão suprimidas. A mudança foi autorizada pelo Padre Geral, Arturo Sosa, em decreto assi-

nado em 13 de dezembro de 2016.

O atual provincial de Chicado-Detroit, padre Brian Paulson (CDT), será o provincial da Província (UMI). O padre Arturo Sosa nomeou também, para a função de sócio provincial, o padre Glen Chun (CDT).■

NOMEAÇÃO

O Padre Geral, Arturo Sosa, nomeou o padre **Arun de Souza** (BOM) como Provincial de Bombaim (Índia). Nascido em 1962, o Pe. de Souza entrou na Companhia de Jesus em 1984, sendo ordenado sacerdote em 1995. Foi pro-

fessor de Sociologia e Antropologia no Colégio S. Francisco Xavier, de Bombaim. O jesuítico sucede no cargo ao padre Vernon D'Cunha, que foi destinado para Roma, como Assistente *ad providentiam* e Assistente Regional da Ásia Meridional.■

Fonte: Boletim da Cúria dos Jesuítas (Nº 1, janeiro 2017)



Pe. Jorge Cela, SJ
Presidente da CPAL

O Caribe é conhecido como um destino turístico. As praias e suas culturas são sua atração. A palavra Caribe nos faz imaginar uma praia paradisíaca e o fundo musical do calipso ou do reggae. Mas, também, a diversidade é uma nota característica sua. O mar do Caribe banha as costas de cerca de 40 nações distintas, incluída a França, pois Martinica e Guadalupe são territórios franceses. Nelas fala-se espanhol, inglês, francês, holandês e várias línguas caribenhas, como o papiamento e o crioulo. Não existe acordo sobre quais as nações que compõem a comunidade do Caribe. Para alguns, são apenas as ilhas, excluindo os territórios continentais. Para outros, são todos os territórios banhados pelas águas do Caribe, excluindo assim as Bahamas, Turcos e Caicos, e as Guianas; para outros, são apenas os de língua inglesa. Mas, em qualquer hipótese, representam uma grande diversidade de histórias, línguas, culturas, sistemas políticos e religiões.

Economicamente, no Caribe, estão presentes o primeiro mundo (Estados Unidos e França). Do sistema socialista (Cuba) e a nação mais pobre do terceiro mundo latino-americano: Haiti. Existem nações em franca deterioração econômica, como Cuba, Haiti, Jamaica e Porto Rico. E outras em momento de crescimento, como República Domini-

O CARIBE EM BUSCA DE UMA DIFÍCIL UNIDADE

cana, Guiana ou Barbados.

Essa grande diversidade, devido à sua história, criou fortes identidades marcadas pela instabilidade, como refletem os versos dominicanos:

“
ONTEM EU NASCI ESPANHOL,
À TARDE FUI FRANCÊS,
À NOITE ETÍOPE FUI,
HOJE DIZEM QUE SOU INGLÊS.
NÃO SEI O QUE SERÁ DE MIM!”

Mas, no caso das ilhas, essa diversidade se dá em territórios tão pequenos, que para muitos resultam inviáveis.

O Caribe tem, então, diante de si, o ineludível desafio de uma unidade tão necessária quanto difícil. E de encontrar a fórmula para uma unidade na diversidade que, respeitando as diferenças históricas e culturais, permitir-lhes negociar sua sobrevivência com dignidade.

Nesse Caribe, está inserida a Companhia de Jesus, em uma diversidade de países e obras que refletem a dispersão do Caribe: em algum momento, os jesuítas do Caribe pertenciam a quatro Assistências diferentes (duas da Europa e duas da América). Hoje, ainda pertencem a oito províncias distintas.

Essa dispersão geopolítica e cultural se dá também no nível eclesial. Os bispos do Caribe inglês conformam uma só Conferência Episcopal. Mas os demais têm pouca relação. A presença de congregações religiosas está geral-

mente ligada a uma grande diversidade de origens: América do Norte, América Latina, Europa, Índia e, ultimamente, vai crescendo a presença de religiosos da África.

No meio dessa diversidade, como podemos pensar nossa missão no Caribe como uma contribuição à difícil unidade na diversidade da sociedade e na Igreja? Como converter a riqueza da diversidade em um elemento de uniificação e fortaleza?

Como fazê-lo desde nossa decrescente presença no Caribe? No século passado, Jamaica chegou a ter mais de 100 jesuítas. Hoje, são apenas sete. Há pouco mais de meio século, Antilhas tinha quase o dobro de jesuítas, mais território e menos obras.

Desde 2008, sete unidades da Companhia estão estudando as possibilidades de colaboração e dando passos para torná-la efetiva. A diversidade obriga a caminhar por sendeiros diversos e a ritmos distintos. Para alguns, passa pela unificação em novas unidades. Já Antilhas e Cuba juntaram-se, configurando a Província das Antilhas; Porto Rico decidiu unir-se à Província do Sul dos Estados Unidos (USC). Agora, Guiana e Jamaica estão >

› começando o caminho de unificação no qual serão a secção inglesa de uma nova Província do Caribe com Antilhas. Mas esse não é o único caminho. Sete territórios (Cuba, Guiana, Haiti, Jamaica, Miami (EUA), Porto Rico, República Dominicana, Venezuela) estão criando laços de colaboração e uma nova consciência sobre a realidade e os desafios do Caribe e as possíveis formas de responder desde o apostolado da Companhia de Jesus.

Para isso, continuarão reunindo-se e planejando formas de colaboração ocasional ou permanente, novas estruturas e redes de cooperação, e a cons-

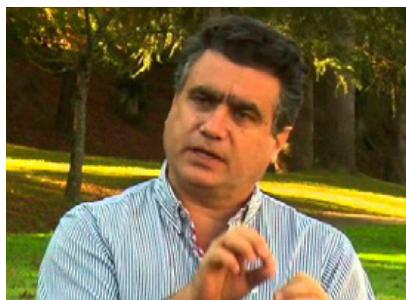
trução do imaginário do Caribe como desafio pastoral e projeto comum.

Como um passo nesse caminhar, houve em Santo Domingo, na República Dominicana, um seminário sobre o Caribe, com participação de jesuítas dos sete territórios e, ao terminar, uma reunião dos superiores com membros do Projeto Caribe, com a participação do assistente Gabriel Ignacio Rodriguez, SJ, do presidente da CPAL (Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina), Jorge Cela, SJ, e do coordenador do Projeto Caribe, Mario Serrano, SJ.

Dois dos países implicados (Haiti e Cuba) são territórios prioritários da CPAL

(prioridade 4). Estão implicadas duas das 12 províncias da CPAL. O processo nos relaciona com a Conferência de Canadá e Estados Unidos e com a Conferência da Ásia Meridional e, também, com a Província do Reino Unido. Supõe uma aventura em novas formas de governo e colaboração na linha da audácia pelo improvável da qual falamos na 36ª Congregação Geral. Isso trará novos desafios para todos. A entrada da Jamaica e da Guiana representa o inglês como terceira língua da CPAL, além do espanhol e do português. É, portanto, um desafio de primeira importância para todos nós que acolhemos com alegria e com entusiasmo.■

PE. ROBERTO JARAMILLO SERÁ O NOVO PRESIDENTE DA CPAL



Opadre Roberto Jaramillo, da Província da Colômbia, tomará posse como novo presidente da CPAL, em 20 de março. A nomeação foi feita pelo Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Arturo Sosa. Antes da

nova missão, padre Jaramillo foi superior da Região da Amazônia brasileira e, nos últimos anos, exercia a função de delegado do Setor Social da CPAL.■

Fonte: www.cpalsj.org

PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

AMISEREOR, instituição católica alemã, aprovou um projeto para o ano de 2017, solicitado pelo PAM SJ (Projeto Pan-amazônico da CPAL). O objetivo da iniciativa é sistematizar algumas experiências socioeconômicas

produtivas alternativas e com maior significância, que foram desenvolvidas na tríplice fronteira Peru-Brasil-Colômbia. “Busca-se, com essas experiências, obter aprendizagem tanto com os projetos exitosos como com os que não deram certo

e que desenvolveram-se na região. Por outro lado, pretende-se também estabelecer algumas estratégias de articulação com os diferentes atores públicos e privados que atuam na área”, explica padre Valério Sartor.■

Fonte: Pan-Amazônia SJ Carta Mensal (nº 33 Dezembro 2016) - Acesse o link (<http://bit.ly/2ki26uj>) do Portal Jesuítas Brasil e leia a íntegra desta edição.

ESPECIALIZAÇÃO PASTORAL NUMA “IGREJA EM SAÍDA”



Em 10 de janeiro, a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) iniciou a primeira turma da *Especialização Pastoral numa “Igreja em Saída”*. O curso é uma parceria com o Centro Loyola de Belo Horizonte (MG) e será realizado no campus da FAJE, localizado na capital mineira.

Além de propor novos horizontes para ação evangelizadora da Igreja, a Especialização proporcionará acesso a reflexões e conteúdos fundamentais para a pastoral no mundo contemporâneo.

Râneo. Destacará ainda experiências pastorais significativas que já apontam novos caminhos para a Igreja hoje. “O curso vem em resposta a uma demanda, cada vez mais crescente, de agentes que assumem cargos de coordenação nos mais diversos âmbitos da pastoral de nossas comunidades”, ressalta o padre Manoel Godoy, coordenador da Especialização, acrescentando: “Percebe-se que a missão de coordenador de pastoral diocesano tem sido um grande desafio nos dias atuais. Procuramos co-

locar nossos agentes em sintonia com a proposta do Papa Francisco de voltar a Jesus e ao frescor do Evangelho, para colocar bases sólidas a uma Igreja em saída. Saída, sobretudo, para todas as periferias, geográficas e existenciais, onde estão os preferidos de Jesus, sedentos pela Boa-nova do Reino”.

O curso está organizado em três módulos, sendo: o primeiro e o segundo realizados, respectivamente, em janeiro e julho de 2017; o terceiro, em janeiro de 2018. ■

OBRA COMPLETA DE PE. ANTÔNIO VIEIRA



A Edições Loyola lançou a *Obra Completa Padre Antônio Vieira*, em 9 de fevereiro, na Academia Paulista de Letras, em São Paulo (SP). Com 30 volumes e 15 mil páginas, a coleção, comentada e atualizada, traz cartas, sermões e escritos proféticos, político-sociais, sobre judeus e índios, além de poesia e teatro, textos inéditos, entre outras novidades.

Sonhada há mais de 150 anos por dife-

rentes gerações de estudiosos da língua e da cultura portuguesas, a obra contou com a direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate, com a colaboração dos mais renomados especialistas de Portugal e do Brasil, demandando uma década de intensa investigação científica. A coleção, coroada ainda por rigoroso trabalho editorial e apresentação gráfica primorosa, oferece conteúdo acessível ao grande público não especializado.

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa (Portugal), em 1608. Mudou-se com a família para Salvador (Bahia) em 1616. Estudou em colégio jesuíta e entrou na Companhia de Jesus, em 1623. Ao longo da vida, exerceu vários papéis, como o de diplomata, reformador social, apóstolo e protetor dos índios, pregador e literato, entre outros. Foi também um árduo defensor da liberdade dos índios e dos cristãos novos.

O jesuíta foi uma das maiores figuras do pensamento luso-brasileiro do século XVII. Pregava com a mesma facilidade, compreensão, elevação e beleza formal a escravos de um engenho de açúcar e índios de catequese nas ribeiras do Amazonas, assim como se sentia à vontade nos púlpitos da Bahia, da capela real de Lisboa e da corte pontifícia de Roma.■

Pesquisa minuciosa

Obra Completa Padre Antônio Vieira é resultado de investigações em arquivos de Portugal, do Brasil, da Espanha, da França, da Itália, do México e da Inglaterra. Além disso, o trabalho da equipe de investigadores luso-brasileiros contou com a participação de especialistas em Literatura, Filologia Clássica, Linguística, História, Paleografia, Filosofia, Teologia e Direito.

ECONOMIA E BEM COMUM: TEMAS DO LIVRO DE PE. ÉLIO

O padre Élio Estanislau Gasda, professor no Departamento de Teologia da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), lançou recentemente o livro *Economia e bem comum. O cristianismo e uma ética da empresa no capitalismo*, pela editora Paulus. A obra aponta o conteúdo ético inerente à atividade empresarial e reflete sobre seu significado à luz do

cristianismo. O objetivo é discutir como integrar a espiritualidade com o exercício do papel de líder dentro do mundo corporativo.

O livro do padre jesuíta já foi citado como um dos destaques da coluna Cifras & Letras, publicado pela Folha de S. Paulo, que semanalmente seleciona os melhores lançamentos na área de Negócios e Economia.■



EXPERIÊNCIAS MAGIS PELO BRASIL

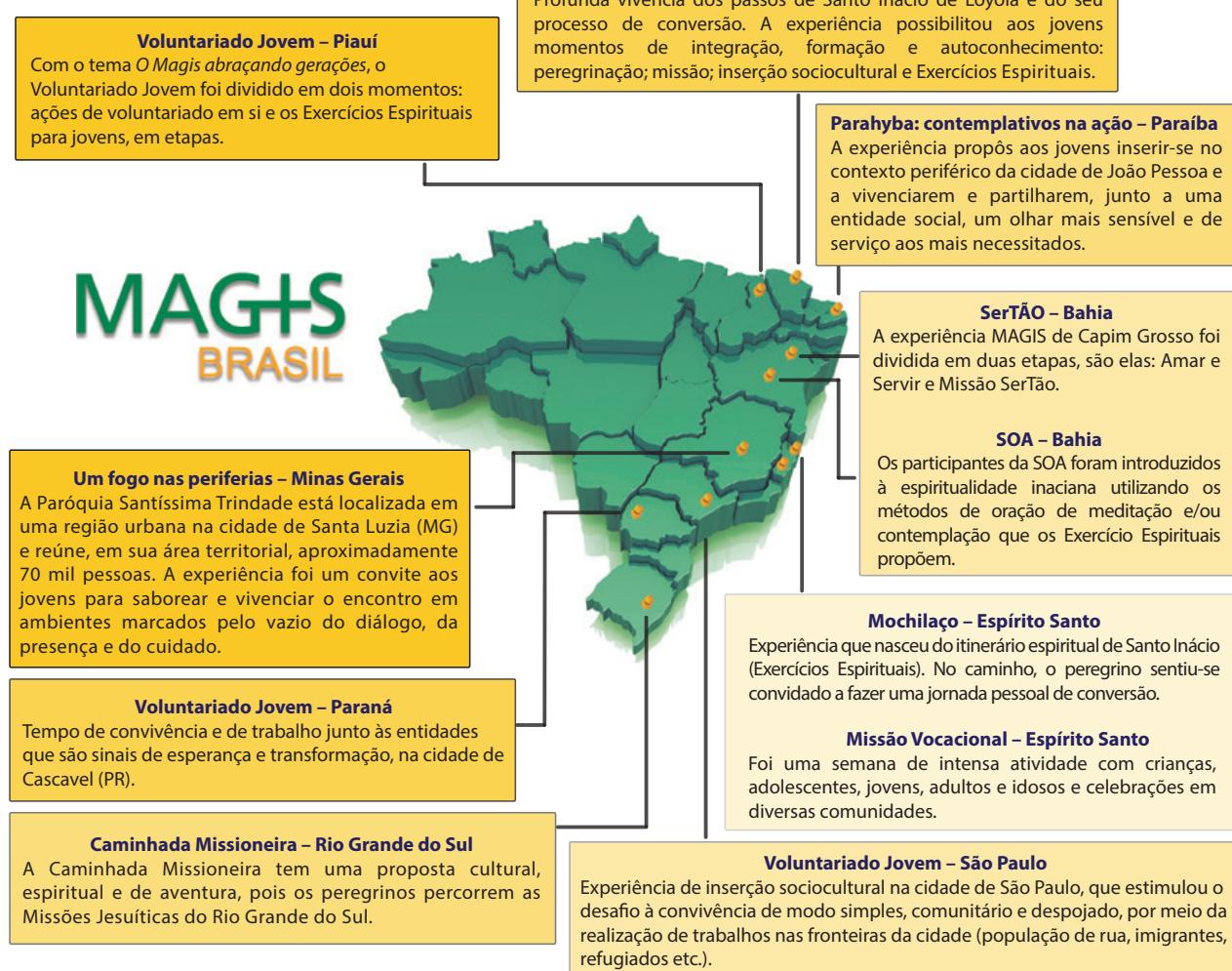
“É uma experiência que eu vou levar para toda a minha vida”, “ir para onde outros não vão e estar sempre disponível para o que acontecer [...]”, “saio com meu coração muito grato e feliz por essa oportunidade [...]”, esses são alguns dos relatos dos mais de 400 jovens que estiveram envolvidos com as Experiências MAGIS, pelo Brasil.

Promovidas pelo Programa MAGIS Brasil e realizadas entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017, no total, aconteceram 11 experiências que contemplaram desde ações de voluntariado até peregrinação. Cada uma delas contou com momentos de oração (pessoal e comunitária) e de formação, que tiveram como objetivo aprofundar temas importantes aos jovens, que os ajudassem a se prepararem melhor.

Confira quais e onde aconteceram as experiências:



‘Um fogo nas periferias’, realizada na cidade de Santa Luzia (MG), foi uma das Experiências MAGIS



INÍCIO DAS AULAS DA 9^a TURMA DA ESPECIALIZAÇÃO EM JUVENTUDE



Em janeiro, a pós-graduação Juventude no Mundo Contemporâneo deu início às aulas de sua 9^a turma. O curso, promovido pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) e pela Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, é dividido em três módulos: o primeiro, ocorrerá em janeiro de 2017; o segundo, em julho de 2017; e o terceiro, em janeiro de 2018.

A especialização tem como objetivo construir referenciais que ajudem na compreensão sobre o fenômeno juvenil no mundo contemporâneo, capacitando profissionais e militantes que atuam com os jovens nas mais diferentes organizações. Em 15 anos de existência, o curso já formou centenas de especialistas que contribuem para as reflexões sobre a juventude. ■

NOVIÇOS PROFESSAM OS PRIMEIROS VOTOS

Em 28 de janeiro, os jovens Francisco Alan Martins, Klebson Dantas, Márcio Danilo Santos e Thiago Coelho professaram os votos de Pobreza, Castidade e Obediência na Companhia de Jesus. “Inspirados pela Palavra de Deus, esses novos jesuítas desejam doar suas vidas ao serviço do Reino”, afirmou padre Jonas Caprini, secretário para Juventude e Vocações da Província dos Jesuítas do Brasil – BRA. ■



Da esq. p/ dir., os noviços Danilo, Thiago, Klebson e Alan

Ingresso

No dia 4 de fevereiro, oito jovens ingressaram no Noviciado da Companhia de Jesus. São eles: Aldemán Neto, de Barreiros (PE), Dimas Oliveira, de Santa Rita do Sapucaí (MG), Fabrício Vassoler, de Iconha (ES), Gabriel Vilardi, de São José do Rio Preto (SP), Judson Oliveira, de Jardim do Seridó (RN), Ozires Vieira de Sousa, de Xambioá (TO), Paulo Sérgio de Souza, de Salto (SP), e Paulo Veríssimo Filho, de Parelhas (RN).

COLÉGIO SÃO LUÍS PREPARA-SE PARA SEUS 150 ANOS

Em 2017, o Colégio São Luís completa 150 anos de história. Fundado por jesuítas, ele nasceu na cidade de Itu, interior de São Paulo, em 1867. Meio século depois, em 1918, foi transferido para a capital paulista, passando a ocupar um quarteirão da Avenida Paulista, onde está até hoje.

Com mais de 2.500 alunos atualmente, o Colégio São Luís é reconhecido como um dos mais tradicionais e respeitados do país. A instituição integra a Rede Jesuíta de Educação, composta por mais de 2 mil instituições de ensino no mundo e, desde 1943, oferece Ensino Médio Noturno a quase 500 jovens vindos de escolas públicas, por meio de bolsas de estudo.

São muitas as histórias construídas ao longo desses 150 anos. Algumas delas estão registradas no livro *Experimentar para aprender – Ciências no Colégio São Luís*, que reúne relatos sobre o estudo de ciências no São Luís desde a



COLÉGIO SÃO LUÍS 150 ANOS DE RENOVAÇÃO

sua fundação, em 1867, até 2016. A obra faz parte da coletânea de publicações da escola, que busca resgatar a memória e registrar as realizações do Colégio nas diversas áreas do conhecimento. A edição anterior foi o livro *Pontapé Inicial para o futebol no Brasil*, que abordou os

esportes no São Luís de 1880 a 2014.

Ao longo de 2017 e início de 2018, acontecerão várias ações pelos 150 anos do Colégio. O calendário de eventos comemorativos está disponível no link: www.saoluis.org/150-anos-do-colegio-sao-luis ■

PROGRAMA DE INCLUSÃO EDUCACIONAL E ACADÊMICA

Entre os dias 4 e 6 de janeiro, a Companhia de Jesus reuniu coordenadores e representantes de mantenedoras e de unidades de educação vinculadas à Rede Jesuíta de Educação – PIEA (Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica), em Porto Alegre (RS), para avaliar as atividades realizadas em 2016 e planejar as ações previstas para 2017.

O encontro contou também com a presença do diretor de Assistência Social da ASA (Associação Antônio Vieira) e secretário para a Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do

Brasil (BRA), padre José Ivo Follmann, e da coordenadora do Programa de Práticas Sociojurídicas (PRASJUR) da Unisinos, Maria Alice Rodrigues.

A integração entre pessoas, processos e práticas foi um dos elementos mais destacados pelos participantes do evento. “As reuniões são extremamente importantes para alinhamento e unidade dos processos técnicos a partir da troca de experiências”, afirmou a analista de Ação Social da ANI (Associação Nacional de Instrução), Cristiana Pires.

“Nesses encontros, percebemos a

relevância da permanente construção da unidade técnica, por meio do diálogo em rede”, ressaltou a coordenadora de Assistência Social da ANEAS (Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social), Tatiane Almeida S. de Sant’Ana.

Para Carlos Magno Nunes, assistente social do Colégio Catarinense (Florianópolis/SC), o encontro foi uma excelente oportunidade de participação entre o grupo. “As reuniões da rede se caracterizam por serem um importante momento de reflexão, aprofundamento das práticas e aprendizado”, salientou Nunes. ■

JUBILEUS

80 ANOS DE COMPANHIA

Em 10 de fevereiro

Pe. Héber Salvador C. de Lima

75 ANOS DE COMPANHIA

Em 28 de fevereiro

Pe. Francisco de P. A. Xavier Barbieri

Pe. Lino Stahl

70 ANOS DE COMPANHIA

Em 1 de fevereiro

Pe. Pedro Alberto Campos

Pe. Pedro Canísio Melchert

Em 28 de fevereiro

Pe. Pedro Norberto Link

60 ANOS DE COMPANHIA

Em 23 de fevereiro

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux

Em 28 de fevereiro

Pe. Francisco de Assis Costa Taborda

Pe. Hilário Henrique Dick

Pe. João Sebaldo Schuck

50 ANOS DE COMPANHIA

Em 1º de fevereiro

Pe. Arcides De Bastiani

Pe. Cláudio Werner Pires

Pe. Nelson Lopes da Silva

Pe. Roberto A. Santos Albuquerque

25 ANOS DE COMPANHIA

Em 28 de janeiro

Pe. Adilson de Almeida Santos

Pe. Carmo Henrique Mocellin

Ir. Luis Edilberto de Castro Feitosa

Em 1º de fevereiro

Pe. Plutarco de Souza Almeida

Em 10 de fevereiro

Pe. Chang Son Yu

Em 13 de fevereiro

Pe. Cledinei Clóvis de Melo Cavalheiro

Pe. Sérgio Eduardo Mariucci

AGENDA

MARÇO

3 A 5

RETIRO TEMÁTICO

Casa de Retiros Vila Kostka – Itaici

Tema | Experimentemos o Deus misericordioso revelado por Jesus!

Local | Indaiatuba (SP)

Orientador | Pe. Raniéri de Araújo Gonçalves, SJ

Site | www.itaici.org.br

11

CATEQUESE NARRATIVA

Anchietanum

Local | São Paulo (SP)

Site | www.anchietanum.com.br

11 E 12

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS COM EQUIPES DE LITURGIA

Casa de Retiro Santo Afonso Rodriguez

Local | Teresina (PI)

Contato | crsjesuitas@hotmail.com

Tel.: (86) 3234-4423

13, 20 E 27

CURSO MITO E VERDADE NA BÍBLIA

Centro Loyola de Fé e Cultura PUC-Rio

Local | Rio de Janeiro (RJ)

Professora | Silvana Venâncio

Site | www.centroloyola.puc-rio.br

24 A 26

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS PARA JOVENS

Casa MAGIS Rio de Janeiro

Local | Rio de Janeiro (RJ)

Contato | www.facebook.com/redeinacianadejovensrio

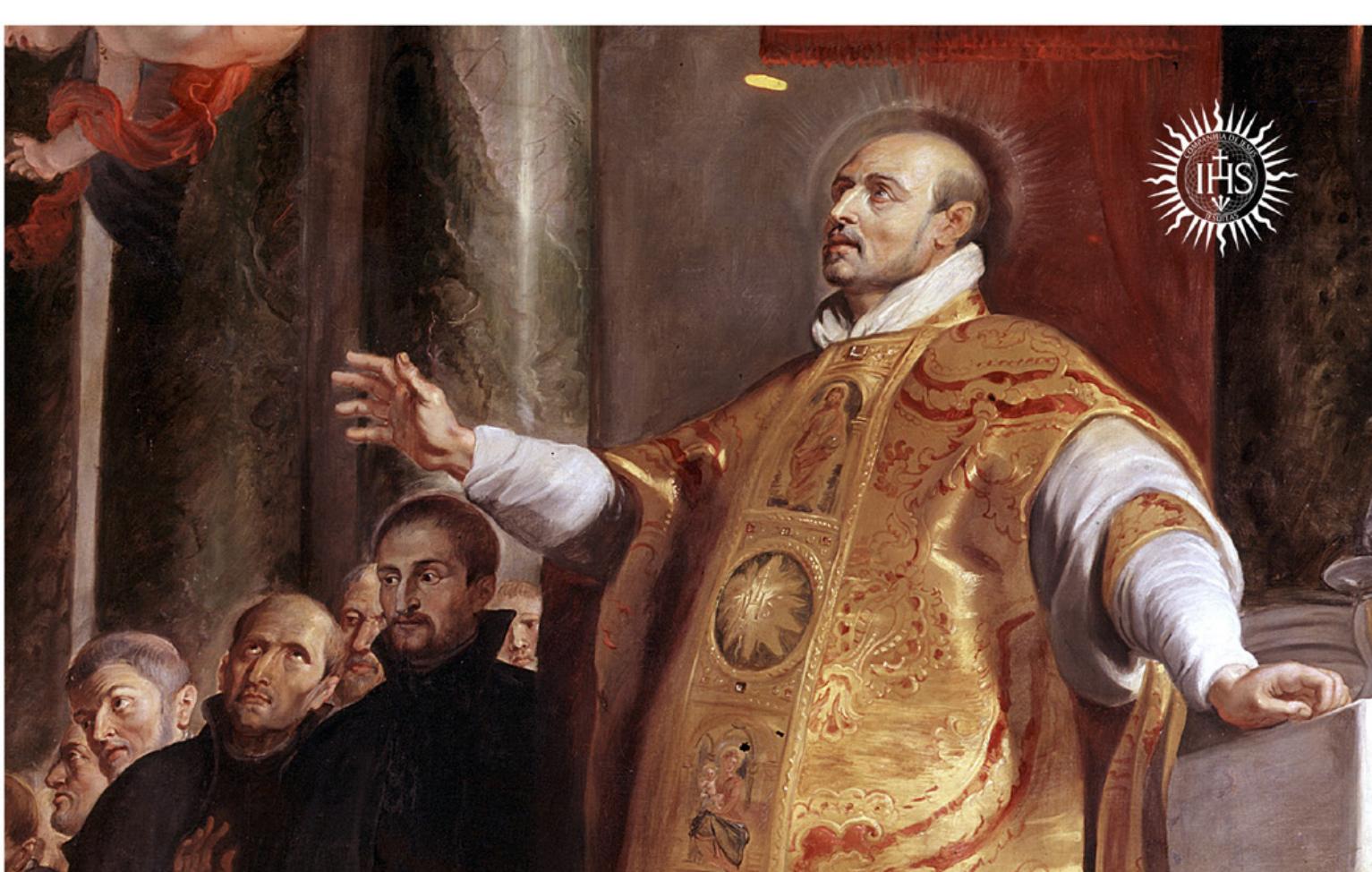
26

TARDE MAGIS

Casa MAGIS Manresa

Local | Cascavel (PR)

Site | casamanresa.wixsite.com/site



**CONHEÇA O PORTAL DA
COMPANHIA DE JESUS!**



ACESSE E CONFIRA AS NOVIDADES!
WWW.JESUITASBRASIL.COM